

NOSSO INTERESSE PELA HISTÓRIA¹

O que leva a nos ocuparmos com o passado? De onde vem o interesse pela história? Uma resposta ingênua diria que nos ocupamos com o passado porque ele nunca é totalmente passado, mas é sempre, de algum modo, encontrável no presente. Uma resposta filosófica eventualmente diria que nos interessamos pelo passado porque ter um passado é constitutivo do ser humano. A resposta filosófica, portanto, afirma que interesse histórico não é um fato histórico, mas filosófico.

Qualquer que seja o ponto de vista da resposta, o que parece notável no interesse pela história é que, em geral, buscamos nela nossos ancestrais, pois é a nossa própria imagem que, em última análise, interessa. Entretanto, não existem ancestrais no sentido objetivo da palavra, uma vez que só os encontramos porque decidimos buscá-los, e depois de termos escolhido encontrá-los. Nossos verdadeiros ancestrais são os que escolhemos para nós mesmos, aqueles nos quais se anuncia pelo menos uma promessa de encontrarmos a nós mesmos.

É isso que explica grande parte do nosso interesse pela Grécia e pelos gregos. A Grécia e os gregos só se tornam fatos históricos quando os situamos na nossa linhagem de ancestrais. E fazemos isso porque a presença deles, ainda encontrável no presente, é, de certo modo, a garantia de que podemos nos encontrar neles, ou, o que é o mesmo, se pudermos e quisermos nos compreender com sensatez no presente a partir do nosso passado, apesar de todos os avanços e retrocessos que aquele representa em comparação com os ancestrais.

O presente número de *Hypnos* ilustra de maneira singular a compreensão filosófica da história que enunciei acima, de maneira sumária por meio das paixões. Os artigos de Miriam Campolina D. Peixoto, Peter P. Simpson, Rachel Gazolla, e as comunicações de Renato Ambrósio, Bernardo G. dos S. Lins Brandão e Vânia Dutra, ao refletirem sobre diferentes aspectos da cultura e, particularmente, da Filosofia Antiga, entregam-nos traços de uma compreensão do passado, que é o nosso, não por uma fatalidade cronológica,

¹ “A realidade compreendida não é mais a mesma de antes de compreensão.” Eric Weil (1904-1977).

mas por uma escolha existencial. Que têm Cícero, Galeno e Plutarco a ver conosco? Que nos ensinam os termos tirano e tirania tal como eram praticados na literatura e na História da Antiguidade Greco-latina? O que o *Teeteto* diz sobre as formas, o que o *Filebo* ensina sobre harmonia e número, têm eles algo a ver conosco? A experiência mística intelectual na filosofia de Plotino diz algo para quem vive num século que parece ter optado, definitivamente, pela substituição da alma pela mente? E que sentido há em ler o *Fédon* de Platão num mundo totalmente desencantado? Até mesmo as reflexões sobre Nietzsche e os gregos de V. Dutra, ou de um filósofo maldito, como Georges Bataille, sobre paixão, erotismo e comunicação, apresentadas por Ciro Marcondes Filho, não teriam nenhuma “pegada” em nós se não tivéssemos reservado um lugar no passado para esses recentes ancestrais.

Podemos nos interessar pelo passado da filosofia por razões meramente exteriores ao próprio filosofar, mas também podemos, se quisermos, voltar-nos para ele por estarmos convencidos de que ter um passado não é indiferente para o sentido do que fazemos no presente, e, portanto, não é indiferente para a compreensão que viremos a ter de nós mesmos no presente. Isso não reduz a compreensão filosófica da História da Filosofia a uma utilização conservadora e moralista do antigo adágio *historia magistra vitae*. A compreensão filosófica da história, com efeito, só ensina alguma coisa aos que se preparam para buscar na história não uma confirmação no varejo do eterno retorno do mesmo, mas os traços da liberdade que se revelam e se compreendem nas realizações.

Marcelo Perine
(conselho editorial)